

**HISTÓRIA DOS SÍTIOS
DA ROTA DAS ABOLIÇÕES DA ESCRAVIDÃO
E DOS DIREITOS HUMANOS:**

**O GRITO DOS HUMILDES DE CHAMPAGNEY
CONTRA A ESCRAVIDÃO EM 1789**

**TOUSSAINT LOUVERTURE (1743 – 1803): LÍDER DA
INSURREIÇÃO DOS ESCRAVOS DE SANTO DOMINGO**

**O ABADE GREGOIRE (1750 – 1831) E A LUTA PELA
LIBERDADE DOS NEGROS**

**VICTOR SCHOELCHER (1804 – 1893) E A ABOLIÇÃO
DEFINITIVA DA ESCRAVIDÃO EM 1848**



O GRITO DOS HUMILDES DE CHAMPAGNEY DE 1789 CONTRA A ESCRAVIDÃO

O reinado de Luis XVI foi marcado por dificuldades econômicas e um déficit crescente das finanças públicas. Esta dívida foi agravada pelo custo das guerras da América que consumiram aproximadamente 60% da tesouraria do Estado. Além da crise financeira, acrescentou-se uma crise social. Durante a Idade Média, a sociedade francesa era dividida em três ordens : o clero, a nobreza e o Terceiro Estado. Se os primeiros gozavam de todos os privilégios, 98% dos franceses que pertenciam ao Terceiro Estado não suportavam mais a desigualdade na taxaço dos impostos.

A crise da autoridade do Antigo Regime alcança seu nível máximo e este se vê gravemente contestado pela influência das proposições ideológicas da filosofia das Luzes. Das idéias de Voltaire e Rousseau se destacam duas reivindicações: a soberania do povo e a igualdade dos impostos.

Em 1788 a crise alcança seu ponto máximo e a única alternativa, negada pelo Parlamento, reside na supressão dos privilégios e na igualdade de pagamento dos impostos. A Luis XVI, cabe então convocar os Estados Gerais para o dia 5 de maio 1789.

Em todo o reinado da França se abrem as eleições para deputados e a redação dos Cadernos de Queixas por parte dos seus 28 milhões de habitantes.

Nas vésperas da Revolução, Champagney é uma aldeia «dos cem fogos» onde vivem habitantes humildes (camponeses, mineiros, carpinteiros) que conhecem o significado de trabalho árduo e sofrem em uma terra pobre onde o clima é muito rigoroso.



igreja de Champagney

Na dificuldade da sua vida cotidiana, os humildes de Champagney têm ao menos um motivo de alegria: sua nova igreja. Este local de preces onde se reúnem, se transforma no momento da saída, em lugar de debate de idéias e tomada de decisões comunitárias. O inverno de 1788-89 foi terrível: à falta de alimentos e ao frio se somaram os altos impostos e as corvéias. Por isso, quando o cura lança o apelo para a redação do Caderno de Queixas, os habitantes vão responder a esta chamada.



Cuadro da “Adoração dos Reis Mayos”

Entre essa gente simples e sem meios, que agrupada naquele dia 19 de março de 1789 discute suas reivindicações, está um nobre, Jacques Antoine Priqueler, nascido em Champagney e oficial na Guarda do Rei em Paris. Ali freqüenta os salões iluminados da capital e próximos à sociedade abolicionista dos « Amigos dos Negros ».

Esse oficial vai explicar-lhes o terrível tratamento que recebem outros homens pelo mundo: seu cativo na África, o sofrimento na travessia rumo às Américas, sua venda em mercados de negros como se fossem animais e o trabalho árduo desses escravos nas Antilhas. A única culpa daqueles homens: ter nascido com a pele negra.

Para os habitantes de Champagney a história relatada pelo oficial constitui uma total surpresa e descobrir que existem homens com a pele negra parece ainda mais incrível. Muito embora nunca tenham visto nenhum negro, já conhecem um, representado em um quadro do século XVI em sua

igreja: a Adoração dos Reis Magos. A visão deste homem Negro, constituído como eles e figurando em um quadro religioso surge para esses humildes, como uma revelação.

Acostumados eles mesmos ao sofrimento e às dores, comovidos pelo relato do oficial e pela visão do homem negro e cristão, os habitantes de Champagney vão redigir na praça do município suas queixas, essas ultimas ligadas à dureza das suas vidas e incorporar no Caderno o artigo 29, no qual pedem a abolição da escravatura.

« Os habitantes de Champagney não podem pensar nas dores que padecem os negros nas colônias sem ficar com o coração penalizado pelo seu maior sofrimento e se considerando como seus semelhantes, além disso unidos a eles pela religião, e sabendo que são tratados como se fossem animais.

Não podem imaginar e aceitar que os produtos dessas colônias possam ser consumidos sem esquecer que foram regados pelo sangue dos seus semelhantes: com razão, receiam que as gerações futuras, mais educadas e mais filósofas, possam acusar os franceses daquele século de terem sido antropófagos, ou se opor ao fato de sermos franceses e mais do que tudo cristãos.

Por isso, sua religião lhes manda suplicar humildemente a Sua Majestade o Rei Luis XVI de acordar os meios para esses escravos serem reconhecidos como cidadãos úteis pelo Rei e pela Pátria. »

assignaturas dos humildes de Champagney

Este desejo de Champagney aparece sendo hoje
duplamente excepcional :

- entre os 36.000 municípios que redigiram cadernos, apenas 20 mostraram comoção a favor da emancipação dos escravos, mas com uma certa ambivalência entre o motivo humanitário e a preservação dos interesses econômicos. Somente o artigo 29, escrito em Champagney, mostra uma condenação clara, sem hesitação e totalmente humanista.

- Na cólera dos justos de Champagney se encontram não somente os princípios filosóficos condenando a escravidão, como o fizeram os grandes intelectuais da época, mas também fortes argumentos chamando ao boicote econômico.



intérior da casa da Negritude

Mais de 50 anos antes do aparecimento dos grandes movimentos populares contra a escravidão, os humildes de Champagney, em sua maioria analfabetos, tinham lançado o primeiro grito de protesto. Para nunca esquecermos este caso único foi aberta, em 1971 em Champagney, a « Casa da Negritude e dos Direitos Humanos ».

TOUSSAINT LOUVERTURE (1743 – 1803) LÍDER DA INSURREIÇÃO DOS ESCRAVOS DE SANTO DOMINGO

Antiga possessão da Espanha, devolvida à França em 1697, Santo Domingo representa nas vésperas da Revolução Francesa, dois terços da produção colonial francesa.

Mais de 30.000 plantadores dirigem cerca de 8.500 empresas e mais de 50.000 negros e mulatos livres exploram uma situação econômica na qual trabalham 500.000 escravos sem nenhum direito e totalmente excluídos da prosperidade da colônia mais rica das Antilhas.

Ao proclamar o princípio da liberdade e da igualdade, a Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão, nascida da Revolução Francesa, vai encontrar um eco na sociedade colonial com consequências incalculáveis. Na madrugada do 22 ao 23 de agosto de 1791, durante o famoso acontecimento do Bosque Caiman, se reúnem, sob o comando de responsáveis voduns, alguns milhares de escravos. Ali começou a rebelião dos escravos do Norte.



Mapa da Ilha de Santo Domingo

Em novembro, o negro Toussaint, descendente de um Rei da África em Allada, nascido em 1743 na plantação Breda e libertado em 1776, se une ao movimento e, mandando uma tropa de 3.000 homens, começa sua ação militar ao lado do exército espanhol contra França.

Não podendo reprimir a insurreição dos escravos e obrigado a defender as fronteiras da colônia atacadas pelos espanhóis e ingleses, o Comisário Sonthonax proclama, no dia 29 agosto 1793, a abolição da escravatura na colônia de Santo Domingo. Essa decisão é confirmada no dia 4 fevereiro 1794 pela Convenção Nacional em Paris, sendo a abolição oficial da escravatura proclamada em todas as colônias.



Toussaint Louverture

Esta decisão provoca a reintegração de Toussaint Louverture às armas francesas. Em algumas semanas vence aos espanhóis e, em outubro 1795, é nomeado general do exército francês e, em 1797, general em chefe dos exércitos da Ilha. Em 1798, os ingleses vencidos se retiram e o tratado assinado entre Toussaint Louverture e a Inglaterra é, como o disse Aime Césaire, « o primeiro ato da independência do Haiti ».

No mês de Janeiro 1801, Toussaint Louverture manda as tropas ocuparem a parte espanhola da Ilha e promulga uma Constituição que dá à colônia de Santo Domingo autonomia e na qual se eleva ao cargo de governador vitalício.

Na metrópole, a pressão do movimento escravagista incita ao regresso à antiga ordem. A paz com Inglaterra permite a Bonaparte o envio de um corpo expedicionário de 25.000 soldados dirigido por seu sogro, o general Leclerc, com o objetivo de eradicar o poder negro estabelecido por Toussaint Louverture.

A chegada da frota em janeiro 1802 e o anúncio do restabelecimento da escravidão em maio provocam a resistência total. Começa uma guerra dramática e destrutora na Ilha. Convidado a uma convenção pela paz e anistia, Toussaint Louverture é retido prisioneiro. Embarca no « Heros » rumo à França. Chega ao porto de Brest no dia 9 de julho e é mandado ao Castelo de Joux . Ali entra em sua cela no dia 23 de agosto. Nunca mais reencontrará a liberdade.

Na ilha o desaparecimento de Toussaint não leva à calma. A situação das tropas francesas vai piorando e a febre - mais do que a guerrilha - provoca baixas terríveis no corpo expedicionário. A aliança dos chefes negros acelera o desastre das tropas francesas que acabam por capitular no dia 19 de novembro em Vertieres, deixando Santo Domingo para sempre.

Os chefes negros substituem o nome de Santo Domingo pelo nome caribenho de Haiti e, no dia 29 de novembro 1803 « em nome dos Negros e homens de cor, é proclamada a independência de Santo Domingo. Devolvidos a nossa liberdade primitiva, asseguramos nós mesmos nossos direitos, juramos de não obedecer à nenhuma força da Terra... ». A independência é confirmada o dia 1 de Janeiro 1804.

Assim nasceram: a primeira e única insurreição vitoriosa de escravos; a primeira colônia indígena independente e a primeira República Negra da História da humanidade. Como celebrou Aimé Césaire, foi no Haiti onde « pela primeira vez, a negritude se pôs em pé ».

Toussaint Louverture não viu se cumprir este glorioso fim. Foi o vencedor póstumo. Debitado pela enfermidade e isolado na sua cela em Joux, morreu o dia 7 de abril 1803.

Napoleão I conheceu sua primeira derrota em Santo Domingo. Em 1817, no Memorial de Santa Helena, reconheceu seu erro: « o assunto de Santo Domingo foi uma estupidez minha. Foi o maior erro que cometi em administração. Deviria ter tratado os chefes Negros como as autoridades de uma província e deixado, como Vice-Rei, Toussaint Louverture ». Aprecíavel homenagem do « Napoleão Branco », chamado de « Napoleão Negro » pelo famoso escritor Chateaubriand.



Cela onde morreu Toussaint Louverture



Cuadro de Freddy Cherasard
« 1^{er} de Janerro 1804 : Independencia »

Quando o negro Toussaint apareceu pela primeira vez na cena política « já estavam nascendo vários movimentos de emancipação: o dos colonos brancos pela autonomia e a liberdade comercial; o dos mulatos, pela a igualdade social; o dos negros escravos, pela liberdade. Quando Toussaint Louverture surgiu, foi para acompanhar, unir e levar a cabo esses movimentos, para mostrar que não há uma raça pária, que não existem países marginais, que não há povos de exceção. Legaram-lhe um bando de escravos e, com eles, fez um exército. Deixaram-lhe uma revolta e, com ela, fez uma Revolução. Legaram-lhe um povoado, que transformou em um povo. Deixaram-lhe uma colônia e dessa fez um Estado...e melhor, fez uma Nação » (Aime Césaire).

Quando Toussaint Louverture abandonou o solo de sua pátria, para desaparecer para sempre, pronunciou - ao subir no barco francês que o levava até a fortaleza de Joux - essas palavras proféticas:

« Ao me fazer cair, vocês só derrubaram o tronco da árvore da liberdade dos Negros... ela tornará a crescer pelas raízes porque elas são profundas e numerosas. »

No coração das montanhas do Jura, o Castelo de Joux conserva os restos de Toussaint Louverture. Hoje em dia, virou um lugar de peregrinação e um dos maiores memoriais da história dos Negros, que vêm do mundo inteiro para homenagear este homem que é considerado como « o primeiro dos Negros ».

O ABADE GREGOIRE (1750 – 1831) E A LUTA PARA A LIBERDADE DOS NEGROS

Se a abolição foi proclamada devido à pressão da insurreição dos negros em Santo Domingo, o resultado também pode ser atribuído a um homem que dedica sua vida inteira aos negros: o Abade Henri Gregoire.

Nacido em 1750 no município de Veho em Lorraine, foi ordenado padre em 1775 e cura de Embermenil em 1782. Quando convocaram aos Estados Gerais em 1789, Gregoire é eleito deputado do clero de Luneville. Começa para ele uma carreira excepcional para chegar a ser umas das maiores figuras da Revolução Francesa.

Gregoire será um dos membros decisórios na reunião do baixo clero e do Terceiro-Estado, estará presente durante o famoso « juramento do Jeu de Paume », presidirá a Assembléia Nacional durante o famoso 14 de Julho de 1789, dia da tomada da Bastilha. Foi ele quem redigiu o ato da abolição do Reinado que deu lugar à proclamação da República no dia 22 de setembro 1792. Presidirá a Convenção Nacional, será deputado no « Cinq-Cents » e senador durante o Consulado e o Império. Votará contra o estabelecimento do Império em 1804 e redigirá o texto que excluirá o Imperador Napoleão I. Detestado por Napoleão I, terá o mesmo tratamento por parte dos Borbones, que o impedirão todo cargo político.



juramento do Jeu de Paume

Durante toda sua vida, Gregoire mostrou suas convicções religiosas. Será bispo de Blois e o primeiro a adotar a Constituição Civil do Clero. Lutará pela liberdade dos cultos, pela separação da Igreja e do Estado e pelo abandono da missa em latim. Será preciso esperar o ano 1905 na França e o Segundo Concílio do Vaticano em 1963 para que muitas das suas idéias sejam postas em prática.

Paralela a uma carreira política intensa, Gregoire deixará uma obra considerável : fará suprimir a « gabelle », o imposto mais detestado pelo povo, e o direito do filho mais velho. Dirigirá as reformas da instrução pública, instaurará as medidas de luta contra o vandalismo, criará a « oficina das Longitudes », universalizará o idioma francês. Será o fundador das casas de agricultura nos departamentos, do Instituto da França, da Academia das Ciências Morais e Políticas e do Conservatório das Artes e Profissões.



Declaração dos Direitos Humanos

Entretanto, a tarefa mais importante, pela qual atuou, foi o combate pelo Homem: esse que tinha anunciado ao redigir o Artigo Primeiro da Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão : « os homens nascem livres e iguais em direitos ».

Seu primeiro resultado foi pela comunidade judia. Desde 1788, em seu « Ensaio sobre a regeneração dos Judeus » defende a causa da integração dos Judeus e sua igualdade de tratamento. Foi ele quem introduziu, pela primeira vez, uma representação dos Judeus na Assembléia Nacional, pedindo a igualdade dos seus direitos, que lhe será outorgada em 1791, permitindo à comunidade judia de ser considerada membro da Nação.

Sua luta mais dura e longa foi pelos Negros. Em 1789 Gregoire faz parte da « Sociedade dos Amigos dos Negros ». Obterá a supressão das subvenções do governo para o comércio negreiro e, no dia 4 de fevereiro de 1794, a abolição da escravidura nas colônias francesas.

Atuando para a integração dos Negros na República, ele vai se opor violentamente à força expedicionária de 1801, encarregada de restabelecer a escravidão nas Antilhas.

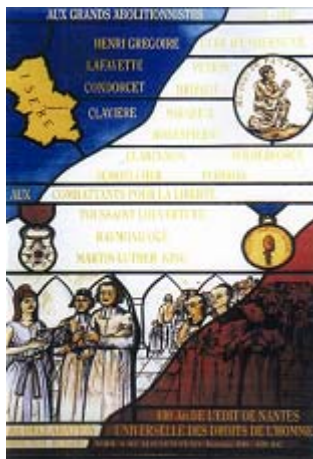
Depois viajará pela Inglaterra, encontrando os grandes abolicionistas Clarkson e Wilberforce. Irá escrever vários livros denunciando os crimes contra os negros e interpelará as potências reunidas no Congresso de Viena em 1815, para a abolição imediata.

Defensor dos Negros, foi o protetor da nova república do Haiti : desde 1800 manteve correspondência para ajudar a Toussaint Louverture e em 1812 foi convidado pelo Rei Christophe. Em 1819, o Haiti abriu uma suscrição para por um retrato dele no palácio presidencial. Em 1825, quando os representantes de Haiti chegam a Paris para cobrar o reconhecimento da independência do seu país pela França, fica proibido - pelas autoridades francesas - todo e qualquer encontro com Gregoire. Desafiando a interdição oficial, os haitianos vão se inclinar ao pé de quem tinha sido proclamado « o amigo dos homens de todas as cores ».



Abade Gregoire

No final, somente um câncer generalizado pôde derrotar e calar o Abade Gregoire para sempre. Aquele que tinha atravessado as tormentas da Revolução, tinha se oposto ao Império de Napoleão I e tinha desafiado os três reis bourbons da Restauração, morreu no dia 28 de maio 1831. Boicotadas pelas autoridades oficiais, as cerimônias do sepulto viraram um sucesso popular impressionante: apesar da chuva, mais de 20.000 pessoas entre as quais operários, estudantes e também judeus e negros o acompanharam em sua última morada, no cemitério de Montparnasse.



A abolição das escravidão

Quando os haitianos souberam da desapareição do velho abade, filho espiritual de Bartolomeu das Casas, foi decretado uma homenagem em toda a Ilha do Haiti : bandeiras à meio mastro, missas em todas as igrejas, tiros de artilheria a cada duas horas durante dois dias. No ano seguinte, uma estátua é erguida na capital de Porto Príncipe.

Em 1989, pelas comemorações do Bicentenário da Revolução Francesa, o Presidente da República assinou o decreto da imortalização de Gregoire, ao fazer transferir seus restos ao Pantheon nacional.

Em 1994 foi inaugurado, em Embermenil, um museu que mantém viva a memória de quem aparece hoje em dia como um gigante da fraternidade.

VICTOR SCHOELCHER (1804 –1893) E A ABOLIÇÃO DEFINITIVA DA ESCRAVIDÃO EM 1848

Victor Schoelcher nasceu em Paris no dia 22 de julho 1804. Seu pai, originário de Fessenheim, na Alsácia, era fabricante de porcelena. Trabalhando desde jovem na empresa familiar, no bairro de Saint Denis, se interessa de imediato à vida política da época da restauração.

Seduzido pelas idéias republicanas, aderiu ao movimento liberal de Guizot fundado em 1827. Iniciado pelos maçons, freqüenta também os salões literários e artísticos da capital, conhecendo Victor Hugo, George Sand, Alphonse de Lamartine,....

Entre os anos 1829 e 1830, viaja pelos Estados Unidos, México e Cuba. Chegando para vender as porcelenas da empresa familiar, descobre a terrível realidade do sistema escravagista. Este encontro será o ponto de partida da tomada de consciência que vai transformar esse alto burguês ateu e maçom, em um monumento de consciência ao serviço dos direitos humanos.



Victor Schoelcher

Logo após seu regresso, publica um primeiro artigo « dos Negros » que se opõe abertamente à escravidão. Durante os anos que seguem, suas posições abolicionistas se fortalecem através de varias publicações : « da escravidão dos Negros e da legislação colonial » em 1833, « a abolição da escravidão » em 1840, « das colônias francesas, abolição imediata da escravidão » em 1842, « colônias estrangeiras e Haiti » em 1843, « a história da escravidão durante os dos ultimos anos » em 1847.

Em seus escritos, fundamentados pela observação vivenciada durante suas viagens nas Antilhas e África, planeja os princípios e fundamentos de um modelo de reorganização social sem escravidão e carregadas de teorias do socialismo utópico da época, na qual já se prefiguravam - em vários aspectos - a evolução das sociedades das Antilhas.



Abolição da escravidão na Ilha da Réunion

Em fevereiro de 1848, cai a Monarquia de Júlio. A abdicação do Rei Luis Felipe deixa lugar ao Governo Provisório da República, que chama Schoelcher de viagem ao Senegal. Nomeado por Arago, Ministro das Colônias, ao posto de Secretário de Estado, é então encarregado de presidir a Comissão pela abolição e redige o decreto histórico de 27 de abril 1848 :

« O Governo provisório,

Considerando que a escravidão é um atentado contra a dignidade humana,

Que ao destruir o livre arbítrio do homem, suprime o princípio natural do direito e do dever ;

Que é uma violação flagrante da devise republicana Liberdade, gualdade, Fraternidade,

Decreta :

Artigo 1 : A escravidão será totalmente abolida em todas as colônias e possessões francesas... »

Guiana e representará a Martinica. Frente à crise da economia do açúcar nas ilhas, a transformação das relações sociais nascidas da emancipação dos escravos, a repressão da imprensa, Victor Schoelcher vai intervir na vida social e política desses territórios : cria o jornal « O Progresso », defende o sufrágio universal, luta para a instrução gratuita e obrigatória, defende as indenizações aos colonos, pede a construção de fábricas açucareiras.

O golpe de Estado do dia 2 de dezembro de 1851 não permite que ele siga com sua ação destinada a melhorar a prosperidade das colônias e a integração dos ex-escravos. Combatendo nas barricadas, é obrigado a fugir do solo francês e encontra exílio na Inglaterra em 1852, onde permanecerá até 1870.

Após a queda do Segundo Império, é reeleito deputado de Martinica em 1871 e Senador em 1875, assim como membro do conselho superior pelas colônias.

Presidente da Sociedade de Socorro dos Criolos, publica vários volumes sobre a legislação do trabalho e segue no combate pelo desenvolvimento econômico das Antilhas.



Estatua de Scholcher na Ilha da Martinica

Não se esquece da luta pelos direitos humanos, militando pela melhoria da condição das mulheres, a luta contra a pena de morte, a liberdade de imprensa, a laicidade....

Na sua « Polêmica colonial » publica seus últimos artigos sobre a escravidão nos EUA, no Brasil e no Senegal. Em 1889 sua obra literária se encerra com um último escrito sobre « a vida de Toussaint Louverture » pelo qual viaja até o castelo de Joux.

Até o fim, sem descanso nem exceção, Schoelcher tinha aplicada sua eterna devise :

« A República não pretende fazer distinção na família humana. Não exclui nenhuma pessoa da sua imortal devise : liberdade, igualdade, fraternidade ».

Victor Schoelcher morreu no dia de Natal de 1893 na sua casa de Houilles. No dia 5 de Janeiro de 1894, dois estudantes das Antilhas e dois oficiais de Marinha – todos negros – encabeçaram a coluna que levou seus restos ao cemitério de Père Lachaise.

Pela ocasião do Centenário da abolição da escravatura, seus restos foram transferidos ao Pantheon Nacional em Paris. Ao mesmo tempo aparece Felix Eboué, descendente de escravo, governador da África Equatorial Francesa e primeiro Resistente do Império aliado ao General de Gaulle.



museu Schoelcher em Fessenheim

Para conservar a lembrança de quem nunca tinha esquecido suas raízes, foi inaugurado em 1982 em Fessenheim (Alsácia), o museu Schoelcher com o apoio de Gaston Monnerville, ele mesmo neto de escravos da Guiana e Presidente do Conselho da República Francesa.

Os responsáveis da « Rota das abolições da escravidão e dos Direitos Humanos » agradecem às organizações nacionais e internacionais por seu apoio ao nosso projecto :



Champagny



Emberménil



Fessenheim



C.C. Larmont

